

- 2 SET 1996 CORREIO BRAZILIENSE

FHC

Cachorrinhos ao alto

Durante a campanha presidencial de 1960, o candidato Jânio Quadros fez um grande comício em Fortaleza. À noite, cansado, após o jantar regado a vinho francês, ele alojou-se na casa de um senador, seu correligionário, cuja mulher possuía alguns cães pequineses. Após muita conversa, o candidato pediu licença e recolheu-se ao quarto em que dormiria. Lá pelas tantas, ouviu-se, no aposento do hóspede, a barulheira de pulos, latidos e ganidos, que despertou a criadagem e os donos da casa. Correram todos para ver o que acontecia. Aberta a porta do quarto, lá estava Jânio, de pé em cima da cama, pulando e jogando os pequineses para o alto. Imperfurbável, o futuro presidente explicou, escandindo as sílabas: "Estes cachorrinhos são muito divertidos e estão gostando da brincadeira".

A cena foi confirmada a este repórter por gente idônea, que praticamente a presenciou. E vem a propósito da entrevista do presidente Fernando Henrique Cardoso, dada recentemente a Jô Soares, na qual o entrevistado parecia

divertir-se com os telespectadores, brincando de prometer soluções para todos os problemas do país, até o final de seu governo.

Sobre a previsão de crescimento do PIB nacional, FHC admitiu que as cifras — só 0,02% — estavam aquém das previstas, mas melhorariam em 1997. Reclamou dos que acham casuísmo sua tentativa de reeleger-se. Considerou bobos os que o chamam de neoliberal, mas aceita o esquiteamento do patrimônio da Vale do Rio Doce e deixa o governo usar dinheiro do erário em pesquisas "reeleitorais". Falou que a despesa pública subiu por não poder demitir funcionários estáveis. Omitiu, porém, que não corrige o salário do funcionalismo civil há 20 meses, embora tenha reajustado o dos ocupantes de cargos nas carreiras de Estado. Com isso, ampliou as diferenças pecuniárias entre os altos servidores e os modestos barnabés. E os gastos com o pessoal subiram R\$ 15 bilhões, em 1996.

Disse ainda que o governo ajuda os banqueiros falidos para proteger o patrimônio dos deposi-

tantes, lembrando que chegou à Presidência quando os bancos tinham 15% do PIB nacional e hoje só têm 8%. "Portanto, nossa política está levando os bancos à falência" — acrescentou, satisfeito. Ele revelou que faz ironia para divertir-se consigo mesmo, o que talvez explique por que o governo acha bom que os bancos quebrem, mas sempre os socorre quando estão para falir.

Pois esse jogo de sustos nos correntistas e de incoerência já custou ao Brasil, no item da dívida pública interna, mais de R\$ 48 bilhões em dois anos. Qual a lógica desse procedimento insinuado na entrevista presidencial? Foi outra tiradã irônica de FHC, para desconsertar os telespectadores, a quem não esclareceu, depois, se estava brincando? No caso, o presidente jogou para o ar não os pequineses de Jânio, mas as esperanças e ilusões de milhões de brasileiros, que são os coelhos da cartola na mágica das pesquisas eleitorais. Só que não funcionam com candidaturas improváveis e em eleições ainda proibidas pela Constituição.